

Representação da mulher no jornalismo piauiense do início do século XX¹

Teresa Albuquerque²

Ana Regina Rêgo³

Resumo

O presente trabalho procura identificar como a mulher era representada na imprensa piauiense do início do século XX. Objetivando responder nossa inquietação realizamos a análise da revista *Alvorada*, que circulou durante o ano de 1909 em Teresina e contou com a colaboração dos principais nomes da imprensa e literatura teresinense da época. Assim, em um primeiro momento realizamos uma breve contextualização da mulher no início do século XX no Piauí, em um segundo momento apresentamos um rápido referencial teórico-metodológico tendo como base Certeau (2011) e Chartier (1990); para depois nos aproximamos do nosso observável por meio de uma análise qualitativa.

Palavras-chave: Jornalismo piauiense; Mulher; Representação; Século XX;

Introdução

A mulher vem ocupando cada vez mais espaço na sociedade: temos mulheres no esporte, na literatura, no cinema, nas empresas, nas fábricas, etc. Nós até tivemos pela primeira vez na história uma mulher como Presidente do Brasil. Apesar disso, os homens ainda ocupam espaços privilegiados, por exemplo, na câmara dos deputados, a representação feminina hoje é de apenas 45 deputadas contra 468 homens. Outro exemplo significativo é que os homens ainda recebem salários 30% maiores do que as mulheres no Brasil. Essa desigualdade entre homem e mulher é um reflexo de uma sociedade patriarcal, em que a mulher era vista apenas como um objeto de enfeite para os homens. E é também uma construção discursiva da mídia, tendo em vista que o jornalismo é um lugar de memória, e um “fator constituinte e importante da memória coletiva e histórica” (Rêgo,

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do DT de Jornalismo no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em comunicação com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUJOC) e parte do Projeto Memória do Jornalismo. E-mail: teresa8albuquerque@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Processos Comunicacionais (UMESP e UAB). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: anareginarego@gmail.com

2014, p. 53), nesse sentido, ainda de acordo com Rêgo (2014), o jornalismo com suas imagens, mensagens e informações intervém e influi diretamente no imaginário simbólico coletivo, dessa forma, partimos do entendimento de que os meios de comunicação eram (e ainda são) importantes meios de criar e reforçar realidades.

Tendo em vista o exposto, o presente trabalho procura investigar se a imprensa piauiense colaborou, ou não, com a emancipação feminina, para tanto, buscamos compreender inicialmente, como a mulher era representada no jornalismo do início do século XX. Para responder a essa inquietação realizamos uma análise a partir de uma pesquisa qualitativa da revista *Alvorada*, que circulou durante o ano de 1909 em Teresina e contou com a colaboração dos principais nomes da imprensa teresinense da época. Assim, em um primeiro momento realizamos uma breve contextualização do período para que tenhamos um olhar mais próximo do momento ao qual nos debruçamos, em seguida apresentamos o referencial teórico-metodológico a partir de Certeau (2011) e Chartier (1990), principalmente. Após essa parte contextual e teórica, nos aproximamos de nosso observável, a revista *Alvorada*, a fim de procedermos a análise qualitativa, tendo como base a operação historiográfica de Certeau (2011).

Mulher piauiense no início do século XX

O início do século XX no Piauí foi marcado por algumas características que foram se concretizando desde a metade do século anterior, com a mudança de capital de Oeiras para Teresina e com a mudança do sistema político, de monarquia para república já em 1889, no final do século XIX. Foi então no início do século XX, principalmente, que o piauiense passou a entender os ideais de progresso anunciados pela república.

Nas primeiras décadas do século XX, o Piauí apresentou intensificação na urbanização e inovações tecnológicas; nesse período Teresina passava por um processo de modernização que se evidenciava com a chegada de alguns aparatos tecnológicos (o telégrafo, o telefone e o cinematógrafo, por exemplo), a canalização de água, eletrificação de ruas do centro da cidade, as primeiras tipografias – que potencializaram o cenário literário – e construção de passeios públicos, assim como o aumento do número de cafés e praças; o que a população exigia cada vez mais, pois se baseava em um modo de vida europeu.

Paralelo a isso, ocorria o incremento de atividades relacionadas à educação e ao trabalho. Todos esses avanços passaram a dar grande ênfase à escolarização. O fato é que a

República pretendia se voltar para a educação e isso agregava maiores diversões ligadas à vida escolar e ao novo universo intelectual, que estava em constante expansão. Diante desse cenário, a mulher passou a ter acesso à educação já no século XIX e no início do século XX, mas uma educação que estava muito relacionada ao papel feminino na família e a exigência de ser uma mulher “bela, recatada e do lar”. Segundo Rocha (2013):

O acesso das mulheres à instrução era a reivindicação mais frequente nos escritos de autoria feminina do século XIX no Brasil. No período em questão, a aquisição de livros, revistas, jornais e outros bens culturais eram restritos às famílias de maior poder aquisitivo da sociedade. Contudo, privilegiava-se a formação intelectual masculina. Eram os homens desse grupo social que eram preparados para ocupar posições de destaque na vida pública, como médicos, advogados, políticos e empreendedores no mundo dos negócios. Das mulheres, esperava-se que fossem filhas obedientes, esposas fiéis e mães dedicadas. (ROCHA, 2013, p. 2).

De acordo com Pinheiro (*apud* Rocha, 2013) era necessário que a mulher dominasse a leitura, a escrita, a maneira de conversar e que era interessante para toda a sociedade mulheres educadas “para as prendas domésticas, damas culturalmente polidas e boas donas de casa, jamais mulheres que viessem a fazer reivindicações políticas, pretendendo maior espaço na vida pública” (Pinheiro *apud* Rocha, 2013, p. 4). Nesse cenário, começaram a surgir escolas voltadas para a educação feminina com o objetivo de “além de instruir as moças e prepará-las para a vida matrimonial, também tinha o papel fundamental de formar novas educadoras” (Silva, 2013, p. 22). Exemplo disso, citado por Silva (2013), é a Escola Normal, que aliava o ensino religioso com as práticas domésticas e o ensino de operações matemáticas básicas e língua nacional. Em 1906 surgiu a primeira escola voltada exclusivamente para a educação das mulheres no Piauí, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Tanto a Escola Normal como o Colégio Sagrado Coração de Jesus convergiram para o mesmo objetivo: educar a mulher para o lar e, no máximo, para a carreira de professora primária (Silva, 2013). Rocha (2011) aponta que a música também passou a fazer parte do currículo feminino, nesse contexto algumas mulheres se tornaram também professoras de música.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus tinha o objetivo não só de instruir as mulheres teresinenses, mas também de moldar os seus comportamentos, de criar uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos e exemplos de moral e virtude na sociedade. O modelo a ser seguido era o das próprias freiras, que sempre estavam próximas e eram provas incontestáveis de abnegação, de virtude, de sacrifícios em nome de um ideal maior. (CASTELO BRANCO, 1996, p. 63).

Enquanto o cenário da educação feminina se desenvolveu, os cenários do jornalismo e literatura também cresceram e, inclusive, com participações femininas. Torna-se importante destacar o jornalismo e a literatura para que o *corpus* da nossa análise seja situado, visto que analisamos uma revista do início do século XX (*Alvorada*) que era essencialmente literária⁴.

O século XX foi fundamental para a consolidação da literatura e da imprensa no estado, de acordo com Rêgo (2008), a imprensa e literatura se tornaram aliadas, “quando escritores e jornalistas da geração de ouro da literatura piauiense passaram a utilizar a imprensa não apenas para publicar romances e folhetins nacionais e estrangeiros, mas também os próprios livros” (Rêgo, 2008, p.1). Segundo Gonçalves (2014, p. 14), “os acadêmicos e bacharéis recém-formados eram os que faziam a literatura do estado e eram também os jornalistas, e isso teve uma influência direta no envolvimento entre a literatura e o jornalismo”.

Além disso, é importante destacar o prestígio que a atividade jornalística já recebia na época: “ainda que não satisfatória do ponto de vista financeiro, atraía os jovens intelectuais, principalmente bacharéis recém-formados, em razão do prestígio e reconhecimento social que conferia a seus militantes” (Magalhães, 1998, p.82).

De acordo com Castelo Branco (2006), os literatos – portanto, os jornalistas – do início do século XX consideravam que o mundo feminino era o espaço doméstico:

Decididamente, para os literatos, o mundo feminino era o espaço doméstico, onde ela desenvolveria sua afetividade, tornando-se o anjo tutelar da casa, aquela que zela pelo bem-estar de todos, que se ocupa em cuidar do marido e dos filhos, em estar atenta aos que se desviavam, que estava sempre pronta para ser condescendente com as falhas do esposo. Abnegada, deveria colocar os cuidados e as demandas dos filhos e do marido como prioridades na sua vida. (CASTELO BRANCO, 2006, p. 2).

Rocha (2013) destaca que a leitura se tornou, desde o século XIX, uma forma de lazer para as mulheres da elite social letrada, e isso fomentou a publicação de periódicos voltados para o público feminino: “versavam sobre moda, prendas domésticas, comportamento e textos de caráter literário” (Rocha, 2013, p. 2). Outro fator relevante é que a prática literária podia ser desenvolvida sem retirar a mulher por longas horas do espaço doméstico, e, dessa forma, as mulheres instruídas da alta classe média, começaram a

⁴ O termo jornalismo literário possui uma gama de significados e interpretações, por isso, devemos esclarecer aqui qual é o entendimento para essa pesquisa. Adotamos, portanto, o conceito dado por Arnt (2004): Jornalismo literário é uma forma de conceber e fazer jornal que se desenvolveu no século XIX e que se caracterizou pela militância de escritores na imprensa, com a publicação de crônicas, contos e folhetins. Este fenômeno marcou a imprensa como o lugar do debate cultural – uma das funções do jornalismo, que predomina, na imprensa, até os dias de hoje. (ARNT, 2004, p.1).

escrever colaborações para a imprensa, de maneira discreta e, muitas vezes, anônima (Rocha, 2013).

Obviamente as mulheres não tinham as mesmas perspectivas que os homens tinham, realidade que se perpetua até os dias atuais. Mas no início do século XX as mulheres já estavam, aos poucos, ocupando outros espaços:

Como a enfermagem, a criação de pensionatos para moças do interior e o próprio jornalismo [...]. Todas essas atividades são inerentes às mulheres de classe média e classe alta, enquanto cabia as mulheres pobres o trabalho nas fábricas, como domésticas, carregadoras de água, ambulantes, ou, ainda, como prostitutas. (SILVA, 2013, p. 26).

Silva (2013) aponta que as mulheres teresinenses foram rompendo as amarras da sociedade que limitava o seu espaço ao interior do lar. “Das mais abastadas às mais humildes, de forma sutil ou ousada, elas foram ganhando lugar, voz e direito” (Silva, 2013, p. 27). Diante desse cenário, da mulher como “do lar”, o trabalho busca demonstrar qual foi a representação da mulher no jornalismo praticado nesse período, uma representação que partia principalmente dos homens, que ocupavam espaços mais privilegiados, nesse caso, analisamos a revista *Alvorada* (1909). Para demonstrar tal representação, partimos então para o tópico seguinte, em que apresentamos o nosso processo teórico-metodológico e posteriormente vamos entender o significado de representação.

Compreendendo a Operação Historiográfica

Antes de partir para a análise dos jornais, é importante fazer uma discussão em torno de aspectos relacionados à representação, não só para se entender o que se busca na análise, mas também para compreender a relevância do tema. Além disso, é importante descrever alguns fatores relativos ao processo teórico-metodológico, visto que essa própria descrição faz parte da Operação historiográfica de Certeau (2011).

Na Operação historiográfica descrita por Certeau em “A Escrita da História” (2011), o autor destaca que encarar a história como uma operação é também compreendê-la como a relação entre um lugar social, uma prática e uma escrita. O lugar social para Certeau se constitui a partir da compreensão de que toda pesquisa historiográfica se articula como “um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc.” (Certeau, 2011, p. 47).

Nessa perspectiva é o meu lugar, no momento que me debruço sobre a minha pesquisa e imprimo nela um olhar próprio, proveniente do meu lugar social: jornalista, mulher, integrante do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Projeto Memória do jornalismo, conforme explica Certeau (2011) “uma situação social muda ao mesmo tempo o modo de trabalhar e o tipo de discurso” (Certeau, 2011, p. 59), o lugar social surge também nos discursos dos jornais que pertencem a jornalistas com lugares sociais próprios e distintos. Já a prática, nessa pesquisa, surge no ato da análise do conteúdo, separação dos jornais, escolha do material:

Na história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto proposto a priori. (CERTEAU, 2011, p. 69).

Dessa forma, o trabalho transforma alguma coisa, que tinha antes uma posição e um sentido em alguma outra coisa que funciona diferentemente. “Da mesma forma não se pode chamar “pesquisa” ao estudo que adota pura e simplesmente as classificações do ontem, que não define um campo objetivo próprio”. (Certeau, 2011, p. 72). Assim, a presente pesquisa busca fazer essa transformação trazendo um novo olhar acerca das representações sobre a mulher naquele contexto histórico.

Já a escrita é a parte final, o momento em que minha análise se converte em um texto que deve ser inteligível, ou, na concepção de Ricouer (2010) uma narrativa que se concretiza a partir de uma configuração da ação narrada. Nesse sentido, Certeau (2011) coloca que essa escrita da história também é uma forma de representação, pois é um reflexo de diversos fatores externos. É importante destacar também o caráter interpretativo do método de Certeau, pois a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo e a história não começaria sem a interpretação, dessa forma, a análise dos jornais em busca das representações se dá de maneira interpretativa, mas também no sentido de buscar preencher algumas das lacunas da história.⁵

⁵ Paul Veyne (1992, p. 26) destaca que a história possui uma natureza lacunar: “um livro de história não é, na realidade, o que aparenta ser; assim, ele não trata do Império Romano, mas daquilo que ainda podemos saber sobre esse império. Por baixo da superfície tranquilizadora da narrativa, o leitor, a partir do que diz o historiador, da importância que parece dar a este ou àquele tipo de fatos (a religião, as instituições), sabe inferir a natureza das fontes utilizadas, assim como as suas lacunas, e essa reconstituição acaba por tornar-se um verdadeiro reflexo; ele adivinha o lugar de lacunas mal preenchidas, não ignora que o número de páginas concedidas pelo autor aos diferentes momentos e aos diversos aspectos do passado é uma média entre a importância que estes aspectos têm a seus olhos e a abundância da documentação; sabe que os povos

Na perspectiva histórica em que nasce a pesquisa, é importante destacar que o discurso histórico “não substitui a práxis social, mas é sua testemunha frágil e sua crítica necessária” (Certeau, 2011, p. 43), assim, a forma como a mulher era, pois, retratada na mídia refletia diretamente em como a sociedade enxergava a mulher e como as próprias mulheres se enxergavam, além disso, levando em consideração o discurso de Certeau (2011), apesar da distância histórica, esses modos de representação ainda refletem na sociedade atual.

Sobre Representações

Dentre alguns significados para o verbo transitivo representar, segundo o dicionário Priberam⁶, encontramos “[...] revelar, mostrar, trazer à memória, significar, simbolizar, expor (por meio de representação, figurar, parecer ter, pôr em cena”. Segundo Chartier (1990) nas definições antigas (por exemplo, a do *Dicionário universal de Furetière* em sua edição de 1727), os significados referentes à palavra representação demonstram duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: “[...] por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (Chartier, 1990, p. 184). Chartier explica que no primeiro sentido de representação, ela é o instrumento de um conhecimento indireto que faz ver um objeto ausente e substitui sua imagem capaz de “repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é” (Chartier, 1990, p. 184). A imagem pode ser material, substituindo o corpo ausente por um objeto que seja semelhante ou não, ou pode ser uma representação simbólica “[...] para Furetière, é a representação de algo de moral pelas imagens ou pelas propriedades das coisas naturais(...). O leão é o símbolo do valor, a bolha o da inconstância [...]” (Chartier, 1990, p. 184). Há, portanto, um significado que pode ser traduzido a partir de um signo, mas isso não significa que a representação dará um único significado possível, dessa forma, nem sempre o significado é decifrado conforme deveria ser. A partir daí, Chartier (1990) aponta para a possibilidade de perversão da representação que pode ser proveniente da falta de preparação do leitor, o que remete ao conhecimento prévio de cada pessoa antes de ter contato com o “signo”, e pode também ser proveniente de uma relação arbitrária entre o

ditos sem história são, simplesmente, povos cuja história se ignora, e que os "primitivos" têm um passado, como todo mundo. Sabe, sobretudo, que, de uma página para outra, o historiador muda de tempo, sem prevenir, conforme o "tempo" das fontes, que todo livro de história é, nesse sentido, um tecido de incoerência, e que não pode ser de outro modo; esse estado de coisa é, certamente, insuportável para um espírito lógico e basta para provar que a história não é lógica, mas, para isso, não há remédio, nem pode haver.

⁶ <http://www.priberam.pt/DLPO/representar> acesso em 13 de junho de 2016.

signo e o significado, e isso levanta questões sobre as condições de produção do signo, sobre o que é igualmente admitido e partilhado. Há representações, conforme Chartier (1990), que visam que “a coisa” não tenha existência, a não ser na imagem que a exhibe, dessa forma, então, a representação mascara “[...] ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente” (Chartier, 1990, p. 185). Desse modo, a relação da representação não ocorre de maneira adequada e se torna um instrumento de respeito e submissão.

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta: “Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força, ao passo que os outros o fazem pela aparência”. (CHARTIER, 1990, p. 186).

Na perspectiva de Serge Moscovici (*apud* Viana, 2013) a representação, constrói sentidos de forma mais dinâmica, não a convencionam a conceitos fixos. “Moscovici acredita em uma constante ressignificação representativa, e atribui aos meios de comunicação de massa a aceleração e a multiplicidade de mudanças” (Viana, 2013, p. 128).

Por meio de toda essa discussão em torno do significado de representação já podemos visualizar o papel da imprensa que com seu universo de imagens e discursos, é um meio de regulação social que reproduz padrões e naturaliza situações e estereótipos.

Podemos deduzir, portanto que o jornalismo é local de discurso (com suas mensagens, informações, imagens, notícias, etc.) e, conforme explica Cruz (2008, p. 4), “[...] o discurso é uma prática social atribuída de significados e que só tomam forma e se constroem em relação a um contexto sociocultural e histórico, que envolve relações de poder e ideologia”. Chartier (1990) corrobora com essa ideia ao afirmar que as representações do mundo social, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, “[...] daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (Chartier, 1990, p. 17). Além disso, de acordo com Cruz (2008), os discursos são uma forma de representação, uma significação da realidade, instituindo e construindo a realidade através de significados. Goulart (2000), nesse mesmo sentido, aponta que nenhum registro é ingênuo ou descomprometido e nem apenas registra, “[...] todo ele pressupõe o trabalho da linguagem, pressupõe uma tomada de posição dos sujeitos sociais. Todo registro é discurso e possui, assim, um mecanismo ideológico próprio, uma

forma de funcionamento particular” (Goulart, 2000, p. 14). De acordo com a autora, nós devemos entender esse funcionamento, entender as operações discursivas através das quais o jornalismo atribui sentido aos fatos, dessa forma, nós podemos compreender como os meios de comunicação produzem uma ideia de história e como o jornalismo se constrói e se legitima como um lugar social.

Representação da mulher teresinense no jornalismo do início do século XX

Para atingir o objetivo proposto nos debruçamos sobre o periódico que circulou no início do século XX em Teresina: a revista *Alvorada*, a fim de realizarmos uma análise histórica qualitativa⁷. Nossa amostra analítica se compõe de cinco edições da revista⁸, dentre as nove que estão disponíveis para pesquisa no Projeto Memória do Jornalismo. As edições foram escolhidas aleatoriamente, e todo o conteúdo foi lido em busca dos modos como a mulher era representada naquele espaço quase que exclusivamente masculino.

A *Alvorada* nasceu em 15 de Julho de 1909 e, segundo Pinheiro Filho (1997), durou até o dia 4 de Março de 1910. Ela possuía publicações bimestrais, então podemos supor que durou por 17 números. A Casa Anísio Brito, Arquivo Público do Estado do Piauí, no entanto, só possui a guarda de nove números (números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 16) que estão em um estado de conservação razoável. O certo é que, assim como a própria revista se denominava literária e de letras, ela o era, mas sem deixar de abordar outros assuntos variados. A sua redação principal era essencialmente formada por homens intelectuais da alta sociedade teresinense: Jônatas Batista, Antônio Chaves, Pedro Borges, Celso Pinheiro e Zito Batista. Mas não limitava seu conteúdo a esses autores, recebendo também colaboração de outros, tais como: Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, João Pinheiro, Arimathéa Tito, Leoncio Rego, Simplício Mendes, Gomes da Silva. Também não era uma revista fechada ao universo masculino, recebeu a colaboração de algumas mulheres da elite de Teresina: Maria Amelia Rubim, Alba Valdez e Antonietta Clotilde. É importante destacar também que esses nomes eram normalmente encontrados em vários outros periódicos do período, então toda a imprensa piauiense era feita basicamente pelos mesmos autores. As matérias da revista em sua maioria não eram assinadas, dessa forma, não temos como identificar quem era os autores dos textos. Só podemos supor que as mulheres

⁷ A Análise qualitativa de cunho histórico é indicada para um caso particular precedente. O pesquisador baseia-se em um quadro teórico explícito para elaborar um roteiro sobre a situação em estudo (LAVILLE e DIONNE, 1999).

⁸ Amostra: Alvorada número 1, 15 de julho de 1909. Alvorada número 2, 30 de julho de 1909. Alvorada número 3, 15 de agosto de 1909. Alvorada número 4, 30 de agosto de 1909. Alvorada número 8, 30 de outubro de 1909.

ficaram responsáveis pela coluna de moda da revista porque se voltava para o universo feminino.

Como uma revista literária, a poesia se faz presente em praticamente todas as páginas da revista, portanto, é na poesia que há mais representação da mulher. Nesses casos, a mulher é sempre romantizada e está em conflito amoroso com o eu lírico do poema.

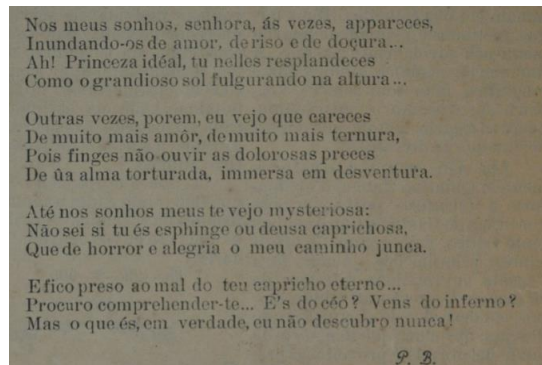


Figura 1. Alvorada, 1909, número 4, p. 9.

Na figura 1, o poeta reforça um dos estereótipos femininos: o de que a mulher é complicada, difícil de entender e misteriosa. Embora seja sutil, quando o autor coloca que “E fico preso ao mal do teu capricho eterno...” (Alvorada, número 4, p. 9), ele coloca a mulher como responsável pela manutenção do relacionamento e, diante dessa situação, o homem é inocente e está sujeito aos caprichos da mulher.

Em outro poema da mesma edição (figura 2), a mulher aparece como inocente, pura, doce. Nesse caso, a mulher é perfeita e digna do amor sincero do homem. Já em um poema da primeira edição da *Alvorada* (figura 3), a mulher também é a causadora do sofrimento masculino, no poema a mulher está rejeitando o homem simplesmente para torturá-lo.

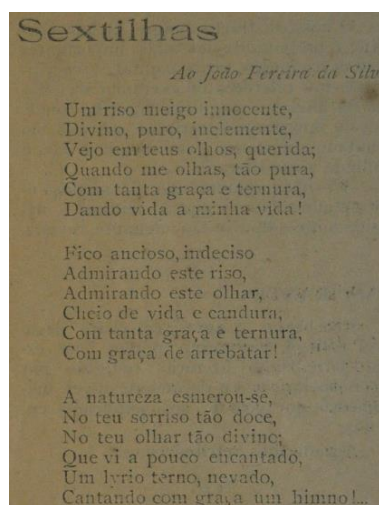


Figura 2. Alvorada, 1909, número 4, p. 16.

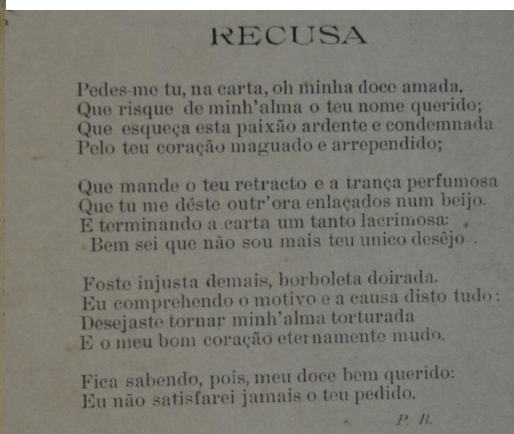


Figura 3. Alvorada, 1909, número 1, p. 5.

A representação feminina nos poemas da revista *Alvorada* se resume basicamente ao cenário romântico e os três poemas apresentados acima representam bem a questão. Mas a mulher não era apresentada apenas nos poemas da revista. Ela aparece também em crônicas, perfis (que são escritos como crônicas) e textos injuntivos/instrucionais (dicas de moda e comportamento).

Na crônica “Coração de mulher” (*Alvorada*, número 1, p. 8) a mulher é colocada como volúvel, indecisa, como quem não sabe o que quer, essa representação fica clara no último trecho da crônica “Coração de mulher, como és volúvel!” (*Alvorada*, número 1, p. 8). Assim como nos poemas, ela também é colocada em um relacionamento conflituoso, mas sua imagem está sempre ligada a uma figura masculina, como se a mulher mesmo não existisse sem o homem. A crônica também apresenta a mulher como culpada pelo fim do relacionamento e o homem como o bom e correto.

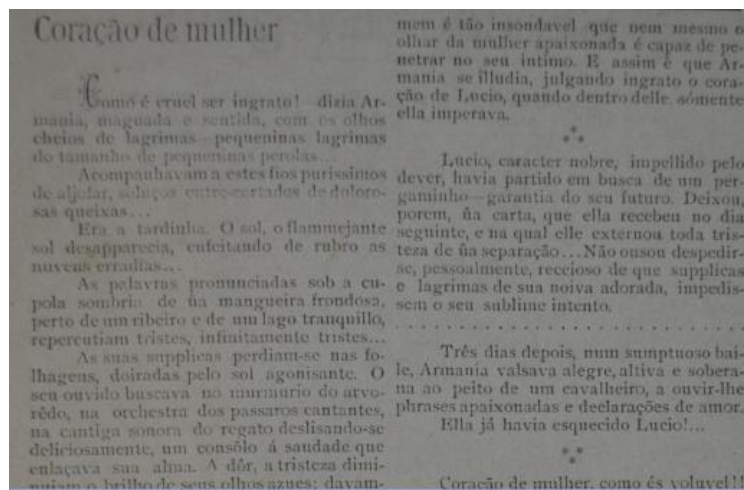


Figura 4. *Alvorada*, 1909, número 1, p. 8.

Nos perfis (estilo crônica) da revista as mulheres são representadas sempre com muitos elogios que dizem respeito principalmente às características físicas, e parecem se referir a mulheres da alta sociedade que convivem com os redatores da revista. Além da exaltação às características físicas (figura 5), os autores dos textos também exaltam algumas características comuns da mulher de elite da época, como vimos em nosso tópico contextual. “Alma cristalina de artista, quando vibra o seu mimoso bandolim, faz-nos evocar um coro de patativas e pintassilgos a sesta de um sol primaveril e ardente” (*Alvorada*, número 2, p. 16) é um dos trechos que podemos visualizar em um dos perfis que a revista nos apresenta. Em outro trecho do mesmo perfil podemos visualizar como a mulher boa e digna deve estar atrelada a família e ao lar: “O seu traje irrepreensível é sempre igual ao da sua formosa irmã de quem é amiga e colega inseparável” (*Alvorada*,

número 2, p. 16). Na *Alvorada* número 4 também em um perfil, podemos visualizar a mesma característica: “Filha de um velho e saudoso político que foi [...] O luto que ainda traja pela morte do irmão, faz-lhe viver retraída e saudosa” (*Alvorada*, número 4, p. 15), o tempo inteiro os textos fazem referências a homens quando vão falar das mulheres: não existe representação feminina sem que ela esteja ligada a um homem e os homens da família ocupam um lugar especial nesse cenário.

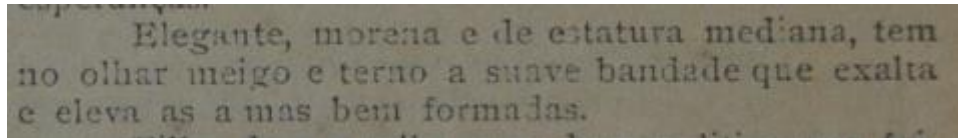


Figura 5. *Alvorada*, 1909, número 4, p. 15.

Na edição de número 4, em um perfil que dá sequência a página 15, a religiosidade é agregada como um valor positivo a mulher, os elogios à aparência continuam e novamente o perfil faz referência a um talento musical.

Seu todo é um conjunto de harmonias e estética, um tão aprimorado concerto de belezas morais e físicas, [...] não sendo raro vê-la rodeada de admiradores, ouvindo a sua patativa com amor o bandolim, tendo por varias vezes dado provas de um verdadeiro talento musical, interpretando com arte, solos de execução difícil. [...] Crente fervorosa, faz do bem um verdadeiro sacerdócio, [...]. (*Alvorada*, 1909, número 4, p. 16).

Assim, as mulheres que são dignas de aparecer no perfil da revista devem seguir essas características: religiosidade, talento musical, ser admirada por homens, ser bonita fisicamente, já que todos os textos salientam isso. Quando um espaço midiático coloca essas características em destaque, ao mesmo tempo estão destacando que seguir esse padrão é o que é bom socialmente. Então as mulheres são representadas como sendo bonitas, rodeadas de homens, religiosas, e aquelas que não são assim não fazem parte da sociedade, são excluídas. A parte religiosa é também um reflexo do contexto, como vimos, as mulheres que conviviam com esses homens vinham de colégios que davam ênfase ao ensino religioso, as freiras eram modelos para as mulheres.

Para finalizar a análise de representação da revista *Alvorada*, temos os textos que foram entendidos aqui como injuntivos, pois descrevem exatamente como uma mulher deve se comportar.

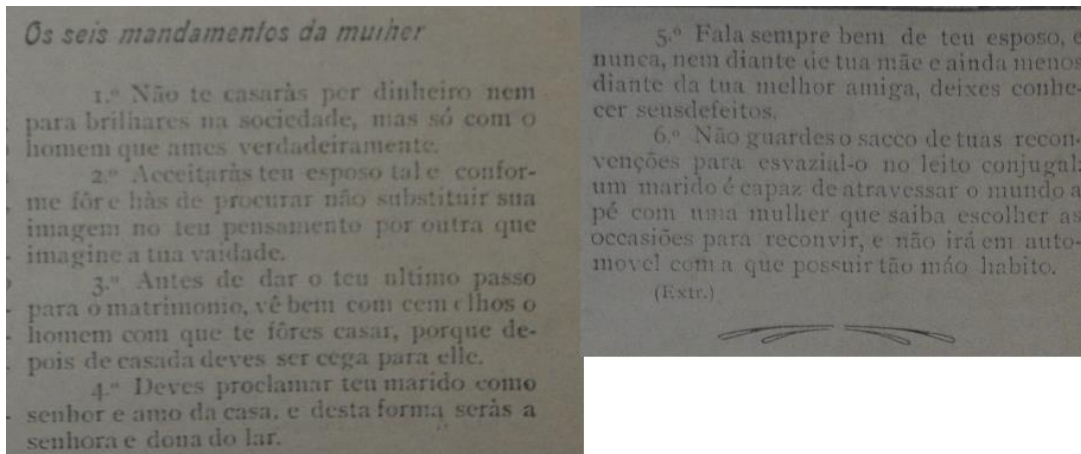


Figura 6. Alvorada, 1909, número 1, p. 11.

Na figura 6 nós temos “Os seis mandamentos da mulher” que demonstram claramente o pensamento da sociedade piauiense do início do século XX.

1º Não te casarás por dinheiro nem para brilhares na sociedade, mas só com o homem que ames verdadeiramente. 2º Aceitarás teu esposo tal e conforme for hás de procurar não substituir sua imagem no teu pensamento por outra que imagine a tua vaidade. 3º Antes de dar o teu último passo para o matrimônio, vê bem com cem olhos o homem com que te fores casar, porque depois de casada deves ser cega para ele. 4º Deves proclamar teu marido como senhor e amo da casa, e desta forma será a senhora e dona do lar. 5º Fala sempre bem do teu esposo, e nunca, nem diante de tua mãe e ainda menos diante da tua melhor amiga, deixes conhecer seus defeitos. 6º Não guardes o sacco de tuas reconvenções para esvazia-lo no leito conjugal: um marido é capaz de atravessar o mundo a pé com uma mulher que saiba escolher as ocasiões para reconvir, e não irá em automóvel com a que possuir tão mau hábito. (Alvorada, 1909, número 1, p. 11).

Pelo texto da figura 6 nós podemos ver que a mulher vivia em função do matrimônio, primeiro ela tinha que arrumar um homem, ser completamente fiel a ele e viver em função do homem e do lar. Além do texto da figura 6, temos também na revista uma publicação acerca do vestido de noiva, falando sobre como a mulher deve se casar. A publicação corrobora com o indicativo de que a mulher deve viver para o matrimônio.

Considerações finais

Com a análise da revista *Alvorada* nós pudemos observar que a mulher era representada sempre ligada a uma figura masculina, ou em relação ao marido, ou aos pais e irmãos. Nas poesias e crônicas, a mulher era colocada como um ser romântico, um prêmio para os homens e ao mesmo tempo um ser que não sabe o que quer, misterioso e confuso, responsável por qualquer sofrimento amoroso do homem. Nos perfis, nós temos a

valorização da aparência, quase como se ser mulher não fosse muito mais do que ser bonita. Assim, nós pudemos ver que os discursos e as representações além de refletir o contexto sociocultural, também participavam efetivamente do processo de construção discursiva do modo como a mulher era vista na sociedade da época.

No caso da revista, a mulher está sempre sob o olhar masculino e sua imagem é construída a partir disso e da aceitação do outro. “O problema das mulheres reside no fato de que no discurso seu lugar é de objeto. Esse lugar lhe é resignado por condições do desejo masculino” (Cruz, 2008, p. 12), a autora fala a partir de um olhar contemporâneo, mas com a análise da revista *Alvorada* nós pudemos ver que os discursos que colocam a mulher como objeto e desejo masculino são históricos, nos discursos da revista fica claro que “... elas existem primeiro pelo e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes e disponíveis.” (Bourdieu *apud* Cruz, 2008, p. 12).

Além disso, torna-se importante destacar que a representação da mulher da revista *Alvorada* foi um reflexo construído a partir da alta sociedade teresinense do período, em que a mulher ainda estava começando a conquistar espaços, na música, na educação e na imprensa, como pudemos ver também por meio da *Alvorada*, já que há menção às habilidades musicais de uma senhora em um perfil e há também colaboração feminina nos textos da revista, embora não saibamos que textos são esses. Nesse sentido, torna-se importante destacar o lugar social dos autores da revista: uma elite intelectual teresinense, uma minoria letrada e maioria masculina. Podemos inferir, portanto que historicamente a mulher estava submetida ao olhar masculino, um olhar de dominação. A representação que se dava na revista era o que Chartier (1990) chama de deturpada, pois não representavam em sua totalidade, mas apenas uma parte, um interesse de um grupo já que, por exemplo, não vemos nenhuma referência à mulher pobre.

Respondendo a nossa indagação inicial, a maior colaboração da revista em relação a uma possível emancipação feminina está na aceitação das mulheres como colaboradoras, como produtoras de conteúdo. Mas o conteúdo da revista peca nesse sentido, já que os discursos não colocam as mulheres como livres e donas de si.

REFERÊNCIAS

Alvorada. Teresina, 15 de julho de 1909, nº 1.

Alvorada. Teresina, 30 de julho de 1909, nº 2.

Alvorada. Teresina, 15 de agosto de 1909, nº 3.

Alvorada. Teresina, 30 de agosto de 1909, nº 4.

Alvorada. Teresina, 30 de outubro de 1909, nº 8.

ARNT, Héris. **Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano**. E-papers Editora: Rio de Janeiro, 2004.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres escritas: literatura e identidades femininas em Teresina (1900-1930)**. História Hoje. Marília, v. 3, n. 9, 2006. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=9> Acesso em: 5 de julho de 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Sabrina Uzêda. **A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

GONÇALVES, T. A. R. **Visibilidade artística na Revista Alvorada**. 3º Encontro Regional Nordeste de História da Mídia – Alcar Nordeste, 2014.

GOULART, Ana Paula. **A mídia e o lugar da história**. In: Lugar Comum, Nº 11, pp. 25 – 40, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Sittineri. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MAGALHÃES, Maria dos Socorros Rios. **Literatura Piauiense – Horizontes de leitura e crítica Literária (1900-1930)**, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

RÊGO, A. R. B. L. **Imprensa Piauiense: entre a literatura e a política**. 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Mulheres, escritas e feminismo no Piauí (1875-1950)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011.

SILVA, Jéssica Catarine Santos. **Borboleta: a imprensa feminina no Piauí no início do século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013. Teresina – Pi, Universidade Federal do Piauí.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.